

# Comunismo

David Graeber

2010

# Conteúdo

Introdução	4
Comunismo Mítico	6
Comunismo Cotidiano	10
1. Comunismo como cooperação	12
2. Comunismo como socialidade básica	14
Conclusão	16
Leitura adicional	19



# Introdução

O comunismo pode ser dividido em duas variedades principais, que chamarei de comunismo “mítico” e “cotidiano”. Eles podem ser facilmente referidos como versões “ideais” e “empíricas” ou mesmo “transcendentes” e “imanes” do comunismo.

O Comunismo mítico (com C maiúsculo) é uma teoria da história, de uma sociedade sem classes que já existiu e irá, espera-se, um dia retornar novamente. É notoriamente messiânico em sua forma. Também se baseia em uma certa noção de totalidade: uma vez houve tribos, um dia haverá nações, organizadas inteiramente em princípios comunistas: isto é, onde a “sociedade” – a própria totalidade – regula a produção social e, portanto, não existirão desigualdades de propriedade.

O comunismo cotidiano (com um c minúsculo) só pode ser entendido em contraste, rejeitando tais estruturas totalizantes e examinando a prática cotidiana em todos os níveis da vida humana para ver onde o clássico princípio comunista de “de cada um de acordo com suas habilidades, a cada um de acordo com suas necessidades” é realmente aplicada. Como uma expectativa de ajuda mútua, o comunismo, neste sentido, pode ser visto como o fundamento de toda a sociabilidade humana em qualquer lugar; como princípio de cooperação, surge espontaneamente em tempos de crise; como solidariedade, está na base de quase todas as relações de confiança social. O comunismo cotidiano, então, não é um órgão regulador maior que coordena todas as atividades econômicas dentro de uma única “sociedade”, mas um princípio que existe e, em certa medida, forma a base necessária de qualquer sociedade ou relações humanas de qualquer tipo. Até mesmo o capitalismo pode ser visto como um sistema para administrar o comunismo (embora seja evidentemente em muitos aspectos profundamente falho). Deixe-me ver cada um deles separadamente.

# Comunismo Mítico

Esta é uma ideia de uma sociedade que já existiu ou poderá existir em algum momento no futuro, que é livre de todas as divisões de propriedade e onde todas as coisas são compartilhadas. Secundariamente, refere-se a experimentos sociais, muitas vezes de inspiração religiosa, que tentam recriar tais arranjos em menor escala nos dias atuais. Finalmente, o termo tem sido aplicado de forma mais livre a movimentos ou regimes políticos de massa que objetivam criar tal sociedade no futuro.

Os movimentos sociais que visavam abolir toda as divisões de propriedade são ocasionalmente atestados para o mundo antigo, da “Escola dos Lavradores” Chinesa (c. 500 aC) aos Mazdaquitas Persas (c. 500 dC), assim como grupos sectários menores (como certos grupos de Essênios) que formaram comunidades utópicas baseadas em princípios comunistas. Devido à natureza muito limitada de nossas fontes, é extremamente difícil estabelecer o quão comuns esses movimentos realmente eram, muito menos obter uma imagem precisa de seus objetivos e ideologias. A maior parte da história humana – especialmente a história da África, do Pacífico e das Américas – simplesmente se perdeu para nós. No entanto, essas são precisamente as partes do mundo onde esses movimentos provavelmente foram mais difundidos e bem-sucedidos. Muitas das sociedades notoriamente igualitárias da Amazônia e da América do Norte, por exemplo, viveram em terras que, séculos antes, viram civilizações urbanas complexas. Eles são mais bem-vistos como refugiados do colapso dessas civilizações ou como descendentes dos rebeldes que os derrubaram? No último caso, isso pode sugerir que suas ideias e práticas com relação à terra, natureza e propriedade (que inspiraram muitas das primeiras concepções europeias de “comunismo primitivo” em primeiro lugar) são elas próprias ideologias revolucionárias bem-sucedidas de gerações passadas? Parece provável, mas simplesmente não sabemos. Mesmo caçadores-coletores africanos como os !Kung, Hadza ou Pygmies, muitas vezes tratados como fósseis vivos do Paleolítico, ou pastores igualitários como os Nuer ou Maasai, vivem em áreas onde existiram fazendeiros, estados e reinos por milhares de anos. Não está claro o quanto sua rejeição aos regimes de propriedade individualistas ou, nesse caso, qualquer outra coisa sobre sua organização social realmente lembra o que era comum no Paleolítico ou o quanto eles representam uma rejeição autoconsciente dos valores das populações vizinhas.

Para retornar ao que ainda gostamos de chamar, sem nenhuma razão particularmente boa, de “tradição ocidental”, a ideia de que as divisões de propriedade nem sempre existiram é recorrente em autores antigos e parece ter sido comumente aceita. Ele veio a ser consagrado no Direito Romano por meio de certas passagens do Digest de Justiniano, que afirmam que as divisões de propriedade não são baseadas nas leis da natureza, mas, como a guerra, o governo, a escravidão e todas as formas de desigualdade social, surgiram apenas mais tarde por meio do **ius gentium** (direito das nações) – essencialmente, os usos da guerra. Essas passagens foram amplamente discutidas quando o direito romano foi revivido na Europa Ocidental do século XII, onde foram feitas tentativas de ajustá-las aos relatos bíblicos do Éden e aos ensinamentos de Jesus, as práticas dos Apóstolos e os escritos de alguns dos primeiros Padres da Igreja (como São Basílio) que se opunham à propriedade privada da riqueza. O debate sobre a “pobreza apostólica” que grassou ao longo do século XIII, principalmente entre Franciscanos e Dominicanos, foi acima de tudo sobre a legitimidade da própria propriedade privada e a viabilidade de criar uma sociedade sem ela. Tais argumentos dentro da Igreja ecoavam aqueles de movimentos religiosos populares – agora lembrados como “heresias” – que se tornaram bastante comuns durante a Idade Média na Europa, muitos dos quais, como os Taboritas, cujos exércitos passaram a dominar grande parte da Europa Central no século XV, eram explicitamente comunistas. Movimentos semelhantes de comunismo religioso surgiram no início dos tempos modernos, dos Diggers na Inglaterra aos Anabatistas na Alemanha, quase sempre para serem duramente reprimidos pelas autoridades. Pode-se encontrar um comunismo cristão semelhante refletido em movimentos como os rebeldes Taiping, que em certas épocas controlavam porções substanciais da China do século XIX.

É uma característica notória das insurreições populares nas sociedades tradicionais que elas tendem a apelar para uma visão utópica de uma ordem social passada ou para uma visão messiânica de uma sociedade futura mostrada por revelação divina ou, às vezes, ambas. A ideia de que houve um tempo em que as divisões sociais não existiam (“quando Adão investigou e Eva alcançou, quem então era o cavaleiro?”) E que esse tempo virá novamente decorre naturalmente desta visão messiânica.

Não é surpreendente, então, que uma visão histórica semelhante muitas vezes veio a ser invocada dentro dos movimentos dos trabalhadores do século XIX. Foi nesse contexto que a palavra “Comunismo” começou a ser empregada em seu sentido atual, em algum lugar entre 1835 e 1845. Para Marx, o comunismo era o fim final da luta revolucionária, a ser totalmente alcançado somente após um conflito político indeterminado, e embora ele argumentasse que, em certo sentido, o comunismo já estava imanente na auto-organização dos trabalhadores atuais contra o capitalismo, ele viu essa luta como um processo contínuo cujo fim simplesmente não poderia ser imaginado usando as categorias burguesas que existiam em sua época. Daí sua notória recusa em descrever como poderia ser o comunismo. No único e famoso exemplo em que ele chegou perto de tal descrição, em **A Ideologia Alemã**, ele nem mesmo tentou uma visão de ficção científica, mas preferiu recorrer a imagens claramente inspiradas pelo “comunismo primitivo” mais uma vez:

*Assim que começa a divisão do trabalho, cada homem tem uma esfera de atividade particular e exclusiva que lhe é imposta e da qual não pode escapar. Ele é caçador, pescador, pastor ou crítico e deve permanecer assim se não quiser perder seu meio de vida; enquanto na sociedade comunista, onde ninguém tem uma esfera exclusiva de atividade, mas cada um pode realizar-se em qualquer ramo que desejar, a sociedade regula a produção geral e, assim, permite-me fazer uma coisa hoje e outra amanhã, caçar pela manhã, pescar à tarde, criar gado à noite, criticar depois do jantar, como eu tenho vontade, sem nunca me tornar caçador, pescador, pastor ou crítico.*

Obviamente, tudo isso é uma maneira de falar; Marx não estava sugerindo que depois da revolução a maioria das pessoas realmente passaria seu tempo ocupada principalmente na caça e pesca – embora ele pudesse ter usado esses exemplos para sugerir que, sob o comunismo, a divisão artificial que fazemos entre trabalho (doloroso) e lazer (prazeroso) não faria mais muito sentido. Seu verdadeiro ponto aqui é que o que chamamos de “propriedade privada”, “divisão do trabalho” e “desigualdade social” são, em última análise, a mesma coisa; e uma sociedade livre, portanto, só poderia ser aquela que abolisse todos os três. É por isso que ele insistia que sob o Comunismo nós nos tornaríamos, como ele disse, um Ser Espécie, definido apenas por nossa humanidade comum, em vez de sermos divididos em diferentes tipos de pessoas que fazem coisas diferentes. Uma manifestação prática disso seria aquela em que todos somos livres para nos movermos para frente e para trás entre os papéis – até, aparentemente, os papéis de gênero, uma vez que Marx começa sua discussão sobre a divisão do trabalho com a divisão entre homens e mulheres – mas, ao apelar para uma visão primitiva obviamente fantasiosa, Marx intencionalmente evita até mesmo especular sobre como isso poderia realmente funcionar.

Acima de tudo, para Marx, o Comunismo significava superar a alienação produzida pelos regimes de propriedade, por meio dos quais nossos próprios atos voltam para nós em estranhas formas irreconhecíveis, tornando impossível para os seres humanos criarem juntos um mundo em que possamos realmente desejar viver:

*O comunismo como a transcendência positiva da propriedade privada como auto-alienação humana e, portanto, como a apropriação real da essência humana pelo e para o homem; comunismo, portanto, como o retorno completo do homem a si mesmo como um ser social (isto é, humano) – um retorno realizado conscientemente e abrangendo toda a riqueza do desenvolvimento anterior. Este comunismo, como naturalismo totalmente desenvolvido, é igual ao humanismo, e como humanismo totalmente desenvolvido é igual ao naturalismo; é a resolução genuína do conflito entre o homem e a natureza e entre o homem e o homem – a verdadeira resolução do conflito entre existência e essência, entre objetificação e auto-confirmação, entre liberdade e necessidade, entre o indivíduo e a espécie. O comunismo é o enigma da história resolvido e sabe que é essa solução.*



Após o lançamento do **Manifesto do Partido Comunista** de Marx e Engels em 1848, a palavra passou a ser quase indelevelmente identificada com seu projeto político específico, e a análise teórica igualmente específica de classe, capitalismo, trabalho e exploração sobre a qual foi construída. No entanto, demorou algum tempo até que “comunista” simplesmente se tornasse uma palavra para uma espécie de Marxista. Por exemplo, o termo “comunista libertário” era frequentemente usado como sinônimo de “anarquista”. Durante grande parte do século XIX, as referências a “comunistas” na literatura dominante muito provavelmente não se referiam nem a Marxistas nem a anarquistas, mas simplesmente a proponentes e criadores de comunas ou experimentos utópicos semelhantes – “comunidades intencionais”, como seriam chamadas hoje – uma forma de ação política quase uniformemente desprezada pelos Marxistas. Um bom exemplo desse uso é o famoso estudo de Charles Nordhoff, **The Communistic Societies of the United States**, publicado em 1875. Esse uso de “comunismo” nunca foi embora completamente e voltou em ensaios como **Call e The Coming Insurrection** pelo “Comitê Invisível” hoje, onde “comunismo” é usado para se referir simplesmente à organização interna das comunas.

Com o sucesso da revolução russa, essa ênfase mudou amplamente e, ao longo do século XX, “comunismo” foi usado cada vez mais para se referir à ideologia dos partidos comunistas e, então, por extensão, ao que veio a ser conhecido por seus oponentes na Guerra Fria como ‘regimes comunistas’. Como resultado, para muitos, senão a maioria da população mundial, “comunismo” passou a significar “aquele sistema econômico que prevalecia sob o comando das economias da ex-União Soviética e seus aliados, a China Maoísta e outros regimes Marxistas”. Há uma profunda ironia histórica aqui, uma vez que nenhum desses regimes jamais afirmou ter realmente alcançado o Comunismo como eles próprios o definiram. Eles se referiam a seus próprios sistemas como “socialistas” – incorporando um período de transição da ditadura do proletariado que só seria transformado em comunismo real em algum ponto não especificado no futuro, quando o avanço tecnológico, maior educação e prosperidade acabariam por levar ao desaparecendo do estado.

# **Comunismo Cotidiano**

A frase “socialismo realmente existente” foi cunhada como um termo de crítica: os revolucionários socialistas falavam incessantemente sobre os regimes que desejavam criar, mas em quase nenhum caso desejou que suas visões fossem julgadas pelas conquistas reais dos regimes que se autodenominavam “socialistas”. Isso levanta a questão: é possível falar de comunismo “realmente existente”? Se virmos as coisas dentro de uma estrutura estatista e procurarmos por alguma unidade que pode ser designada como uma “sociedade” organizada com base em princípios comunistas, então claramente a resposta teria que ser não. No entanto, esta não é a única abordagem possível. Prefiro identificar um princípio que, em combinação com outros, pode ser encontrado em todas as sociedades humanas em um grau variável. Por causa de seu caráter mundano, tornando-o quase invisível ao olhar normal, eu o chamo de “comunismo cotidiano”.

Para fazer isso, parece melhor partir da definição clássica de comunismo – “de cada um de acordo com suas habilidades, a cada um de acordo com suas necessidades” – e então examinar aquelas formas de organização ou relações humanas que são organizadas de acordo com esse princípio, onde quer que alguém as encontre. A origem desta frase, aliás, é interessante. É amplamente, mas incorretamente atribuído a Karl Marx. Parece ter sido um slogan corrente no movimento dos trabalhadores franceses nas primeiras décadas do século XIX; e aparece pela primeira vez na impressão em um livro chamado **L’Organisation du travail**, do agitador socialista Louis Blanc em 1839. Blanc o usou para descrever os princípios organizacionais das “oficinas sociais” que desejava que o governo estabelecesse como uma nova base para a indústria.

Marx só retomou a frase muito mais tarde, em sua **Crítica do Programa de Gotha** em 1875, e a usou de sua própria maneira idiossincrática: pois a situação que ele imaginava se estabeleceria na sociedade como um todo, uma vez que a tecnologia chegasse ao ponto de garantir a abundância material absoluta, tornando possível a verdadeira liberdade humana. A ideia de que o comunismo no sentido de Louis Blanc, como uma certa forma de coordenação do trabalho ou da atividade humana, pode existir em qualquer sociedade humana, no entanto, não é totalmente nova. Piotr Kropotkin, por exemplo, que é frequentemente referido como o fundador do “comunismo anarquista”, em **Mutual Aid** (1902) implica algo muito parecido com a seguinte análise quando escreve que o comunismo pode ser visto simplesmente como cooperação humana, e a cooperação era a base fundamental de todas as realizações humanas e, na verdade, da vida humana. No entanto, o que estou sugerindo é ainda mais amplo.

# **1. Comunismo como cooperação**

É assim que quase todo mundo se comporta se estiver colaborando em algum projeto comum. Pelo menos eles fazem, a menos que haja algum motivo específico para não fazê-lo – por exemplo, uma divisão hierárquica do trabalho que diz que algumas pessoas tomam café e outras não. Se alguém consertando um cano de água quebrado disser “me dê a chave”, seu colega geralmente não dirá “e o que eu ganho com isso?”, Mesmo se estiver trabalhando para a Exxon-Mobil, Burger King ou Goldman Sachs. A razão – ironicamente, dada a sabedoria convencional de que “comunismo simplesmente não funciona” – é a eficiência simples: se você realmente se preocupa em fazer algo, alocar tarefas por habilidade e dar às pessoas tudo o que elas precisam para fazer o trabalho é obviamente a maneira mais eficiente de fazer isso. O que isso significa, é claro, é que as economias de comando – colocando as burocracias governamentais encarregadas de coordenar todos os aspectos da produção e distribuição de bens e serviços dentro de um determinado território nacional – tendem a ser muito menos eficientes do que outras alternativas disponíveis. Em vista disso, é difícil imaginar como Estados como a União Soviética poderiam ter existido, muito menos se manter como potências mundiais. A resposta é que mesmo as burocracias mais totalitárias só podem funcionar por meio da interpretação informal das regras e da cooperação entre as pessoas que nelas trabalham.

Pode-se até dizer que é um dos escândalos do capitalismo que a maioria das empresas opera internamente com base em princípios comunistas. É verdade que eles tendem a não operar de maneira particularmente democrática. Na maioria das vezes, eles são organizados por cadeias de comando de cima para baixo no estilo militar. Mesmo assim, muitas vezes há uma tensão interessante aqui, porque, na verdade, as cadeias de comando de cima para baixo não são realmente muito eficientes (elas tendem a promover a estupidez entre os que estão no topo, o ressentimento entre os que estão na base). Quanto mais improvisar, maior será a necessidade de cooperação democrática. Os inventores sempre souberam disso e capitalistas iniciantes e engenheiros da computação redescobriram recentemente o princípio: não apenas com coisas como freeware, de que todos falam, mas até mesmo na organização de seus negócios. A Apple Computers é um exemplo famoso: foi fundada por engenheiros de computação (principalmente republicanos) que romperam com a IBM no Vale do Silício na década de 1980, formando pequenos círculos democráticos de vinte a quarenta pessoas com seus laptops nas garagens uns dos outros.

Presumivelmente, é também por isso que, na esteira imediata de grandes desastres – uma enchente, um apagão, uma revolução ou um colapso econômico – as pessoas tendem a se comportar da mesma maneira, revertendo para uma espécie de comunismo rude. De repente, mesmo que por um curto período de tempo, hierarquias, mercados e similares se tornam luxos que ninguém pode realmente pagar.

## **2. Comunismo como socialidade básica**

Qualquer um que já viveu tal momento pode falar sobre suas qualidades peculiares, a maneira como estranhos se tornam irmãs e irmãos e a própria sociedade humana parece renascer. Isso é importante porque não estamos simplesmente falando sobre cooperação. Na verdade, *o comunismo é o fundamento de toda a sociabilidade humana*. É isso que torna a sociedade possível. Sempre há uma suposição de que qualquer pessoa que não seja realmente um inimigo deve agir de acordo com o princípio de “de cada um de acordo com suas habilidades ...” pelo menos até certo ponto: por exemplo, se você precisa descobrir como chegar a algum lugar e uma pessoa tiver a capacidade de lhe dar instruções, então ela o fará.

A conversação é um domínio particularmente inclinado ao comunismo. Isso não é negar a importância das mentiras, insultos, rebaixamentos e outros tipos de agressão verbal – mas a maioria deles são construídos sobre a presunção do comunismo, no sentido de que um insulto não fere a menos que você presuma que as pessoas normalmente aceitam os sentimentos dos outros em consideração; e é impossível mentir para alguém que normalmente não espera que você diga a verdade. É certamente significativo que, quando realmente desejamos romper relações amigáveis com alguém, paremos de falar com essa pessoa inteiramente. O mesmo vale para pequenas cortesias como pedir um isqueiro ou até mesmo um cigarro. O mesmo é verdade se a necessidade de outra pessoa – mesmo de um estranho – for espetacular e extrema: se ela estiver se afogando, por exemplo. Se uma criança caiu nos trilhos do metrô, presumimos que qualquer um que seja capaz de ajudá-la o fará.

Eu chamo isso de “comunismo básico”, o entendimento de que, a menos que as pessoas se considerem tão completamente inimigas umas das outras e se a necessidade for considerada grande o suficiente ou o custo razoável o suficiente, o princípio de “de cada um de acordo com suas habilidades, para cada um de acordo com suas necessidades” será aplicado. Claro, diferentes comunidades aplicam padrões muito diferentes para a questão do que é uma necessidade razoável: em um ambiente urbano impessoal, pode ser limitado a luzes e direções; em muitas sociedades humanas, um pedido direto de comida ou algum outro item de consumo comum pode ser impossível de recusar. Isso é especialmente verdadeiro para os tipos de alimentos mais comuns e cotidianos, que em muitas sociedades, por esta mesma razão, se tornam formas de manter as fronteiras sociais: como, por exemplo, em muitas sociedades europeias e do Oriente Médio onde rixas de sangue prevaleciam, os homens hesitariam comer pão e sal com um rival em potencial porque, se o fizesse, não seria mais permitido fazer mal a tal pessoa.

Compartilhar comida ainda é considerado o fundamento da moralidade, mas é claro que também é uma das principais formas de prazer (quem realmente gostaria de comer uma refeição deliciosa sozinho?). Na maioria dos lugares, as festas são vistas como o ápice da sociabilidade. Os elaborados jogos, concursos, desfiles e apresentações que marcam uma festa popular, são, como as estruturas de troca que caracterizam a própria sociedade, construídas sobre uma espécie de base comunista. Nesse caso, a experiência de convivência compartilhada não é apenas a base moral da sociedade, mas também sua fonte mais fundamental de prazer. Prazeres solitários sempre existirão, sem dúvida, mas para a maioria dos seres humanos, mesmo agora, as atividades mais prazerosas quase sempre envolvem compartilhar algo: música, comida, bebida, drogas, fofoca, drama, cama. Existe, portanto, um certo comunismo dos sentidos na raiz da maioria das coisas que consideramos divertidas.

# Conclusão



A sociologia do comunismo cotidiano é um campo potencialmente enorme, mas um campo que, devido às nossas peculiares viseiras ideológicas, não fomos capazes de escrever porque fomos amplamente incapazes de ver o objeto. Marcel Mauss, por exemplo, falou de “comunismo individualista”, tal como existe entre parentes próximos, como mães e seus filhos, geralmente irmãos, mas também entre amigos próximos ou irmãos de sangue. Nesse sentido, qualquer “sociedade” pode ser imaginada como uma rede interminável de redes comunistas. Em tais relacionamentos, tudo pode ser compartilhado se houver necessidade. Em outras relações entre indivíduos, cada um está limitado a apenas um certo tipo de reivindicação do outro: ajudá-los a consertar suas redes de pesca, ajudá-los na guerra ou fornecer gado para uma festa de casamento. Ainda assim, eles podem ser considerados comunistas se a reivindicação puder ser exercida sempre que houver necessidade. Da mesma forma, existem grupos dentro dos quais todos os membros podem fazer certas reivindicações ilimitadas desse tipo quando precisam: sociedades de ajuda mútua, associações de seguros mútuos e semelhantes. As seguradoras modernas são, ironicamente, transformações comerciais de um princípio essencialmente comunista. Finalmente, qualquer grupo social auto-organizado, de uma corporação a um clube de futebol e uma confraria religiosa, terá regras particulares sobre quais tipos de coisas devem ser compartilhadas e sobre o acesso coletivo aos seus recursos comuns. Isso, é claro, se confunde com a literatura sobre a gestão coletiva dos bens comuns, mas é importante notar que, muitas vezes, grupos sociais (começando com clãs, aldeias ou semelhantes) farão regras inteiramente artificiais para criar dependência comunista mútua. Os antropólogos, por exemplo, estão familiarizados com a existência de estruturas de metades, onde uma comunidade se divide em duas divisões arbitrárias, cada uma das quais deve contar com a outra para construir suas casas, fornecer serviços rituais ou enterrar os mortos uns dos outros, puramente sempre que o outro tiver uma necessidade.

As relações comunistas existem em uma variedade infinita, mas duas características comuns sempre ganham destaque. A primeira é que eles não são baseados em cálculos. Nunca ocorreria a um lado de uma aldeia Iroquesa, por exemplo, reclamar que eles haviam enterrado seis dos mortos do outro lado este ano e o outro lado havia enterrado apenas dois deles. Isso seria uma loucura. Quando manter contas parece uma loucura dessa forma, estamos na presença do comunismo. A razão pela qual parece que sim é porque todos devem morrer e os dois lados da aldeia sempre estarão presumivelmente lá para enterrar os mortos um do outro, então manter contas é obviamente inútil. Isso traz à tona o segundo ponto: ao contrário da troca, onde as dívidas podem ser canceladas imediatamente, ou em um prazo relativamente curto, o comunismo se baseia na presunção da eternidade. Pode-se agir comunistamente com aqueles que trata como *se* eles sempre existissem, assim como a sociedade sempre existirá, mesmo que (como, digamos, nossas mães) saibamos em um nível mais cerebral que isso não é realmente verdade.

Podemos, portanto, analisar as relações humanas tendendo a assumir uma de três formas: relações comunistas, relações hierárquicas ou relações de troca. A troca é baseada nos princípios da reciprocidade, mas isso significa que ou as relações se cancelam imediatamente (como no mercado, quando há pagamento imediato), ou eventualmente, quando um presente é devolvido ou uma dívida paga. As relações humanas baseadas na troca são inerentemente temporárias, mas igualitárias pelo menos no sentido de que, quando o pagamento é feito, as duas partes voltam ao mesmo status. A hierarquia não se baseia em um princípio de troca recíproca, mas antes em precedentes: se alguém dá um presente a um superior ou inferior, é provável que o faça novamente em circunstâncias semelhantes. A hierarquia se assemelha ao comunismo no sentido de que é considerada permanente e, portanto, tende a não envolver o cálculo de contas; exceto que o comunismo, é claro, tende a ser resolutamente igualitário em suas bases.

Seguem-se várias implicações radicais. Vou terminar com um. Se aceitarmos essa definição, ela nos dará uma nova perspectiva sobre o capitalismo. É uma forma de organizar o comunismo. Qualquer princípio econômico amplamente distribuído deve ser uma forma de organizar o comunismo, uma vez que a cooperação e a confiança intrínseca à socialidade básica sempre serão os fundamentos da economia e da sociedade humana. A questão para aqueles de nós que acham que o capitalismo é uma maneira ruim de organizar o comunismo ou mesmo uma forma insustentável em última análise é como seria uma maneira mais justa de organizar o comunismo? Especificamente, isso desencorajaria a tendência das

relações comunistas de deslizar para formas de hierarquia. Há motivos para acreditar que quanto mais criativa for a forma de trabalho, mais igualitárias tenderão a ser as formas de cooperação. Portanto, talvez a questão-chave seja: como podemos conceber formas mais igualitárias e criativas de cooperação humana que são menos hierárquicas e estultificantes do que as que conhecemos atualmente?

**Leitura adicional**

Blanc, L. (1839) *L'Organisation du travail*. Au Bureau de Nouveau Monde, Paris. [First to say 'from each according to their abilities, to each according to their needs']

Cohn, N. (1972) *The Pursuit of the Millennium: Revolutionary Millenarians and Mystical Anarchists of the Middle Ages*. Oxford University Press, New York. [A classic, but critical approach to medieval communistic movements]

Dawson, D. (1992) *Cities of the Gods: Communist Utopias in Greek Thought*. Oxford University Press, Oxford. [Good summary for the ancient world] Graeber, D. (2010) *Debt: The First Five Thousand Years*. Melville House, New York. [See Chapter 2 for everyday communism in its various manifestations]

Invisible Committee, The (2004) *Call*. US Committee to Support the Tarnac 9, New York. [Contemporary reassertion of 'communism' as communalism]

Kropotkin, P. (1902) *Mutual Aid: A Factor of Evolution*. William Heinemann, London. [Classic anarcho-communism, Kropotkin's 'mutual aid' is close to 'everyday communism']

Marx, K. and Engels, F. (1846 [1970]) *The German Ideology*. International Publishers, New York.

Marx, K. and Engels, F. (1848 [1998]) *Manifesto of the Communist Party*. Penguin, New York.

Mauss, M. (1990 [1925]) *The Gift: Form and Reason of Exchange in Archaic Societies*. Routledge, London. [Mauss's classic essay introduces the idea of 'total reciprocity,' which is small-c communism]

Morgan, L. H. (1965 [1881]) *Houses and House-Life of the American Aborigines*. University of Chicago Press, Chicago. [Influential ethnography of communal living, especially for Engels]

Nordhoff, C. (1875) *The Communistic Societies of the United States*. Harper and Brothers, New York. [Especially good on religious societies]

Priestland, D. (2006) *The Red Flag: Communism and the Making of the Modern*

World. Allen Lane, London. [The standard recent scholarly history] Testart, A. (1985) *Le Communisme primitif*. Maison des Sciences de l'Homme, Paris. [The best recent version of old-fashioned 'primitive communism']

Biblioteca Anarquista



David Graeber  
Comunismo  
2010

[theanarchistlibrary.org](http://theanarchistlibrary.org)

Titulo Original: *Communism*. Tradução e Revisão por André Tunes @Nucleo de Estudos  
**Autonomo Anarco Comunista.**

Ela não possui direitos autorais pode e deve ser reproduzida no todo ou em parte, além de ser liberada a sua distribuição, preservando seu conteúdo e o nome do autor.

[bibliotecaanarquista.org](http://bibliotecaanarquista.org)